

A PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA NA DIOCESE DE MANAUS

Elisângela Maciel

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Pará (UFPA)

macielelis7@gmail.com

Resumo: O século XIX representou a fase de maior turbulência na história da Igreja Católica, o conflito com a modernidade desencadeou conflito inevitável, que rejeitava a antiga tradição. A Igreja se ergue em defesa de sua sobrevivência, tendo por base o projeto romanizador, intensificado no papado de Pio IX (1846-1878), que no Brasil encontrou ressonância entre os Bispos, como Dom Antônio de Macedo Costa, que administrava o Amazonas. Um dos principais eixos dessa fase do Catolicismo consistiu na reformulação das devoções, revendo desvios e centrando na devoção ao Sagrado Coração, na Eucaristia, e nos Dogmas, com destaque para os marianos. Maria se tornou o grande meio de difusão e consolidação do Catolicismo. As novas associações não são mais de leigos e sim para leigos, com disciplina e religiosidade reforçada, como a Pia União das Filha de Maria. Na Diocese de Manaus sua fundação, em 1913, por Dom Frederico Costa, era fruto da devoção à sua padroeira, Nossa Senhora da Conceição, e da preocupação com a moral e os bons costumes. As moças se apresentaram dispostas a fortalecer a devoção a Maria, afastando o que era considerado pernicioso, em sintonia com as diretrizes da devoção romanizada, aqui centrada no modelo de Maria Imaculada.

Palavras-chaves: Igreja Católica; Romanização; Diocese de Manaus; Pia União das Filhas de Maria.

Imaculada

As devoções à Maria se iniciaram ainda na Antiguidade, mas foi na Baixa Idade Média quando se buscou com mais força a humanidade de Jesus e que com ela veio junto a exaltação à sua Mãe. Um complexo debate foi travado em torno do dogma da Imaculada Conceição pela teologia medieval, mas foi somente em 1854 que se chegou à formulação dogmática “através de um longo e acidentado caminho, no qual se entrevê a importância que desempenha na vida eclesial o chamado *sensus fidelium*” (TEMPORELLI, 2010, p. 137).

O *sensus fidelium* diz respeito ao senso comum em relação à verdade de fé que o magistério ainda não se posicionou oficialmente, portanto a devoção à Imaculada já era fruto de experiências dos fiéis em diversas localidades, muito antes da promulgação do dogma e mesmo antes das discussões filosóficas e teológicas. Dois dogmas marianos já haviam sido formulados na Antiguidade, o *Theotokos* no Concílio de Éfeso em 431 e o da Virgindade de Maria no Concílio de Calcedônia em 451. Chegara a vez do terceiro.

Como o debate sobre a Imaculada Conceição se estendeu por muitos séculos e sempre cheio de controvérsias, destacarei apenas aqueles que foram delineando, preparando o caminho para o dogma. Santo Agostinho definiu Maria como uma grande exceção do pecado original. Pascásio Radberto, no século VIII, afirma que a concepção da Virgem Maria, a isenta do pecado original, retirou a maldição de Eva e a benção foi transmitida a todos (2010, p.145-146). A partir do século IX, a festa da Imaculada foi trazida para o Ocidente por monges fugidos das perseguições dos problemas com a iconoclastia. A festa foi se espalhando pela Europa com crescente devoção, e no século XIII, após hesitação, Roma consagrou o 8 de dezembro como festa da Imaculada Conceição.

Anselmo, o jovem, se definiu como todo dedicado ao serviço da Mãe de Deus, difundindo as histórias de milagres e estimulando a oração da ave-maria, no século XII. Para Pedro Lombardo, Maria fora concebida em pecado original e purificada antes de nascer. No século XIII, Tomás de Aquino e Boaventura seguem essa direção, Maria foi purificada no primeiro instante. Foi o franciscano Duns Scotto que atribuiu a Maria a condição de pré-redenção, pois ela “fora preservada do pecado desde o momento de sua concepção até a redenção na cruz, quando ela tal como toda a raça humana, foi salva” (2010, p. 154).

Dessa forma, por seu Filho, o perfeito redentor, Maria se torna a perfeita redimida, preservada do pecado original (2010, p. 154). O magistério vai aos poucos confirmando e caminhando para o dogma: Sixto IV (1484) instituiu um ofício expressando o privilégio de Maria e louvando a festa da Imaculada Conceição, em 1476; o Concílio de Trento (1545-1563), sem oficializar o dogma, afirma que a Virgem foi isenta do pecado

durante toda a sua vida, e não incluindo-a no pecado original. O culto se universaliza a partir de Clemente XI, em 1708.

Ao adentrar o século XIX, é perceptível o aumento da devoção à Maria, reforçada pela Aparição da Medalha Milagrosa a Catarina Labouré, em 1830. Desde o papado de Gregório XVI (1830-1846) muitos pedidos pelo dogma chegavam a Roma. Diante da continuidade da solicitação Pio IX (1846-1878), estabelece uma comissão em 1848, composta por teólogos e cardeais para os esclarecimentos necessários sobre a prática devocional e a realidade eclesial.

No ano seguinte a encíclica *Ubi Primum Nullis*, solicita confirmação dos bispos, analisando o clero e o povo de suas dioceses, sobre os sentimentos acerca da Virgem Imaculada. A bula inicia falando que Deus escolheu a Mãe de seu Filho desde o início dos tempos “absolutamente livre de qualquer mancha do pecado, toda bela e perfeita, possui tal plenitude de inocência e de santidade, que, depois de Deus, não é possível pensar maior, e de quem, excetuando Deus, nenhuma mente consegue compreender a profundidade”¹. 546, de 603, foram a favor da definição dogmática.

Assim, a 8 de dezembro de 1854, por meio da Bula *Ineffabilis Deus*, foi pronunciado o dogma da Imaculada Conceição da Virgem Maria. Por mérito de seu Filho, Jesus Cristo, Maria foi portadora da graça santificante, de forma plena, desde o primeiro instante, sendo “concebida imaculada por sua estreita vinculação com seu Filho” (TEMPORELLI, 2010, p.159). Para entender a profundidade do dogma, segue um trecho da Bula:

Reafirmamos nossa viva esperança na beatíssima Mãe, que, toda bela e imaculada, esmagou a cabeça venenosa da cruelíssima serpente, e trouxe a salvação ao mundo; aquela que é a glória dos profetas e dos apóstolos, honra dos mártires, alegria e coroa de todos os santos; seguríssimo refúgio e fidelíssima ajuda contra todos os perigos; potentíssima mediadora e reconciliadora de todo o mundo junto a seu Filho unigênito; fulgidíssima beleza e ornamento da Igreja e seu segura defesa. Reafirmamos nossa esperança naquela que sempre destruiu todas as heresias, salvou os povos fiéis de gravíssimos males de todo gênero, e nos libertou de tantos perigos que nos ameaçavam.

¹ Pio IX. *Ubi Primum Nullis*. 1849, n. 1, p. 168.

Confiamos que ela queira, com sua validíssima proteção, fazer com que nossa santa mãe, a Igreja católica, superadas todas as dificuldades e erradicados todos os erros, prospere e floresça cada dia mais junto a todos os povos e em todos os lugares, de um mar a outro, e de um rio até os confins da terra, havendo paz, tranquilidade e liberdade completa². (grifos meus)

A promulgação do dogma, além de se configurar uma verdade teológica que sela as controvérsias, foi considerado confirmado pelo céu, se concretizando num contexto turbulento da história da Igreja, que, dessa forma, marca sua posição diante do mundo moderno que a confrontou com o racionalismo e a laicidade. Pio IX enfrenta-o, colocando Maria como a defensora da Igreja, que esmagará os males trazidos pela nova época, que triunfará sobre todos os erros e conduzirá à paz.

Os grifos destacam a importância do dogma para o processo de romanização, ela é o grande símbolo diante das vicissitudes, nela se confia em tempos conflituosos. O dogma é providencial diante das incertezas que rondam a Igreja, e vem também do “amadurecimento da doutrina e do reconhecimento eclesiástico da força vital de Maria como Mãe de Deus e que estende seu amor materno a todos que a ela recorrem” (MACIEL, 2014, p.220). Portanto, a Imaculada Conceição passa a ser um dos principais pilares no projeto da romanização, bem expresso por Jaroslav Pelikan:

Há boas razões para se acreditar que nem a defesa intelectual da relação cristã pela iniciativa da teologia católica romana do século XIX, inclusive o renascimento da filosofia tomística, nem a defesa política da Igreja institucional e de suas prerrogativas contra o anticlericalismo da época tenham se mostrado tão eficazes, particularmente entre as pessoas comuns, como a campanha empreendida em favor da Virgem Maria (2000, p. 248).

De acordo com Afonso Murad, o dogma da Imaculada Conceição deve ser entendido como gratuidade de Deus, no horizonte da teologia da Graça, que realiza o projeto salvífico de Deus. Maria é Imaculada, mas continua humana, trilhando o caminho da fé, como mãe e como discipula, experimentando a conversão cotidianamente, “não do mal para o bem, mas do bem para um bem maior” (2012, p.173), realizando a “utopia da

² Pio IX *Ineffabilis Deus*. 1854, n. 24. p.187.

nova humanidade, do ser humano que cresce na fé, na esperança e no amor, sem amarras” (2012, p.174).

Maria se tornou, sem dúvida, o grande meio de difusão e consolidação do Catolicismo, assumindo as feições culturais das diversas localidades onde a fé católica foi disseminada. No Brasil “a pluralidade cultural passou a apresentar uma diversidade de devoções que criaram respeito e a imensa necessidade da intercessão da Mãe, Maria, levando a buscá-la com intensidade e com intimidade peculiar que os povos da América arvoram ter com Nossa Senhora” (MACIEL, 2014, p.221). Para Dilermando Vieira, o culto à Virgem Maria sintetizou, em grande medida, a piedade negra e parda, “pois foi a partir das Nossas Senhoras madrinhas dos meninos que se criaram as primeiras ligações espirituais, morais e estéticas desta com a família e a cultura circundante, o que se estendia por outras etapas da vida” (2007, p.43).

É nessa lógica que se enraíza as práticas devocionais das Filhas de Maria, que se colocam como filhas obedientes, mas também em sintonia com a humanidade de Maria e em busca das virtudes provenientes da Virgem. Havia o desejo ardente de se conectar com Maria. Ela “passara a ser, também, a Mãe de toda a humanidade, papel essencial na redenção, pois ela era a nova Eva, a nova mãe, o instrumento na renovação da obra da criação” (MACIEL, 2014, p.215). as Filhas de Maria trazem para si a responsabilidade de fazer concretizar no mundo a devoção mariana que leva a uma verdadeira prática cristã, pois é a Mãe que conduz ao Filho.

A Devoção das Filhas de Maria

A devoção a Maria remonta à Antiguidade, mas foi nos séculos XI e XII, segundo Jacques Le Goff que ela atingiu a plenitude, se tornando crescente desde então, expressa em: sermões, cânticos, liturgias, obras de arte, imagens, narrações de milagres, teatro. Com destaque para a redação da Ave Maria. Nesse contexto, as noções teológicas, não dogmatizadas, mas já institucionalizadas, da Imaculada Conceição e da Assunção de Maria, se tornaram alvo de calorosos debates (2005, p.203).

As confrarias passaram a se multiplicar, entre elas as dedicadas à Maria, sinal da crescente devoção. Entre elas destaca-se a fundada pelo cônego Pedro de Honestis, no

século XII, dos Filhos e Filhas de Maria, composta por religiosos e leigos. Seus membros portavam uma medalha e uma faixa azul na cintura. A partir do Concílio de Trento (1545-1563), houve a crescente preocupação com as práticas cristãs, especialmente com as virtudes e com a castidade, procurando levar as decisões conciliares para mais próximo dos fiéis, para que pudessem exercitar a vivência sacramental. Diante das tensões e conflitos do século XVI, a Virgem Maria aparece como a protetora do mundo católico.

Seguindo o modelo criado por Pedro de Honestis, na França surge a Congregação da Virgem Imaculada, criada pelo cônego Pedro Fourier, com o objetivo de atrair as jovens para a devoção a Maria. Suas integrantes usavam um escapulário de cor celeste, que trazia de um lado a imagem da Imaculada Conceição e do outro a inscrição *Maria concebida sem pecado*. Em 1830 Catarina Labouré passou a fazer parte das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo. Data dessa época também as aparições da Virgem, descritas por ela. A Virgem lhe pediu que fosse cunhada uma medalha, com as mensagens da aparição, o que foi feito em 1832. Catarina fundou a Associação das Filhas de Maria, em 1837, a pedido da Virgem, voltada para mulheres religiosas. As Filhas de Maria usavam uma fita azul no pescoço com a medalha milagrosa³, cuja inscrição agora trazia *Oh Maria concebida sem pecado rogai por nós que recorremos a vós*. De acordo com o manual, as moças devem, principalmente: louvar Maria; buscar a santificação pessoal; e manter o apostolado (BRION, 2009, p.11).

Com a definição dogmática da Imaculada Conceição, além de reforço a devoção mariana, e especialmente a ligada diretamente ao dogma, como é o caso das Filhas de Maria ganham respaldo, pois estão conectadas pela fé e pela busca de vida virtuosa à exemplo da Virgem. “A Bula *Ineffabilis Deus* faculta a todas as províncias e reinos a escolha da Imaculada Conceição como padroeira e a criação de confrarias e congregações devotadas a ela, assim como outros tipos de tributos em sua honra. Ao mesmo tempo determina punições aos que não sigam os preceitos do dogma e não cumpram os festejos adequados em seu dia” (MACIEL, 2014, p. 218).

³ O culto à medalha milagrosa se desenvolveu rapidamente em Paris, a partir de 1832, o santuário passou a ser lugar de peregrinação. Para todos que usarem a medalha há a promessa de grandes graças. *Dicionário Cultural do Cristianismo*. 1999, p. 78.197.

No ano de 1864, em Roma, o padre Alberto Passéri fundou, no estilo da associação francesa, a Pia União das Filhas de Maria. Protegidas pela Virgem as moças cristãs tinham a finalidade de combater os malefícios do mundo observando os costumes cristãos, visando aumentar a devoção à Virgem, se colocando como protagonistas de sua missão perante Deus, difundindo amor, virtude e piedade. Em 1864 a Pia União das Filhas de Maria foi ereta canonicamente, sob o patrocínio da Virgem Imaculada e de Santa Inês, virgem e mártir. Dois anos depois, Pio IX lhe concedeu a honra de Confraria Primária, passando a agregar todas as associações de Filhas de Maria⁴. Receberam indulgências e privilégios de Pio IX, em 1866. O Papa Leão XIII (1878-1903) tornou Passéri diretor geral de todas as congregações de Filhas de Maria.

A romanização e a mulher

O processo de romanização buscou padronizar o laicato, utilizando mecanismos como o ensino e a criação de associações leigas que se revestissem da piedade católica como salvaguardando-a e difundindo no seio da sociedade os valores cristãos, lutando, assim, contra os malefícios trazidos pelo mundo moderno.

com a romanização, muitas devoções foram substituídas pelo clero e no lugar das antigas irmandades surgem novas organizações leigas como o Apostolado da Oração, a Pia União das Filhas de Maria; mas a diferença radical entre essas novas associações e as irmandades é a posição nelas ocupada pelos leigos. As novas são associações para leigos, e não associações de leigos, e estão sob o controle do clero (RIBEIRO, 1991, p.105).

A romanização coloca a mulher como esteio da família, o que não é novidade, mas há um reforço do papel feminino com maior cobrança sobre o seu lugar na estrutura familiar. Para Dom Macedo Costa, nas mulheres reside a moralidade. Na Igreja católica, apesar da visão tradicional, as mulheres encontraram mais espaço de atuação diante da modernidade, afirma Heloisa Costa, elas se inserem na vida “comunitária e participação nas irmandades, missas, procissões e festas religiosas” (COSTA, 2005, p. 133), com as quais vão se identificando.

⁴ Manual da Pia União das Filhas de Maria. Disponível em: filhasdemariaarqrio.wixsite.com/ffmarqrio/maual-das-filhas-de-maria. Acesso em: 08 de julho de 2019.

O envolvimento das mulheres nas atividades da Igreja foi crescendo, e em Manaus não foi diferente. Elas assumem o protagonismo de várias associações, firmando posição em defesa dos valores cristãos. Aí se enquadram as Filhas de Maria, que assumiram esse papel, interiorizando a experiência devocional e externalizando em práticas pastorais e sociais o que era ser uma cristã no mundo. Por isso, em meio a várias associações femininas encontradas na Diocese de Manaus, escolhi analisar a Pia União das Filhas de Maria por acreditar que elas expressam bem o fervor devocional esperado pela romanização.

Com a aprovação de um movimento com esse perfil, a Igreja abre espaço para um tipo de protagonismo feminino, que possibilita segundo Lucelia Andrade, a arregimentação de “grande número de fiéis empenhadas em defender as demandas católicas frente ao Estado brasileiro” (2018, p. 2). A Pia União foi organizada de acordo com o projeto romanizador, sendo conduzida por sacerdote com funções de diretor espiritual, que também garantia o controle da associação nos moldes exigidos.

Pia União das Filhas de Maria em Manaus

A Diocese de Manaus já nasceu romanizada, sua criação se deu em 1892 pela Bula *Ad Universas Orbis Ecclesias*, do Papa Leão XIII que anunciava a criação de quatro novas dioceses para o Brasil. Assim, diferente do temor sentido pelos Bispos diante da chegada da República, essa Bula anunciava o início da liberdade religiosa que a Igreja católica experimentaria em terras brasileiras dali para frente. Por isso, a nossa Diocese nasce inserida no projeto romanizador, que foi iniciado no Concílio de Trento, se estabelecendo de forma continuada e por vezes travando confrontos socioculturais e políticos. Em tempos de conflito, a romanização apresenta sua experiência com o sagrado a partir da devoção sacramental, ao Sagrado Coração e à Imaculada Virgem Maria.

Para Ângelo Brelich, a religião leva: “à dimensão do homem aquilo que é humanamente incontrolável, revestindo-o de valores humanos, atribuindo-lhe um significado que o justifique e, com isso, tornar aceitáveis e possíveis os esforços indispensáveis à existência” (FILORAMO, 1999, p. 78). Se refere à crença no

sobrenatural, também em “histórias sagradas”, contadas em ocasiões especiais como em festas religiosas, observando que a religião não é apenas um comportamento mental, envolve instrumentos que dão visibilidade às ações como preces, ofertas e sacrifícios. As relações com a divindade se expressam no ritual, envolvendo “o ser sobre-humano no circuito de dons e de intercâmbios ou estabelece com ele um pacto, uma comunhão de interesses, uma solidariedade ou até, na forma extrema de ‘comunhão’, uma identificação” (1999, p. 77).

A Pia União das Filhas de Maria representa um exemplo dessa intensa relação com o sagrado. Tomaram a iniciativa de encaminhar um documento a Dom Frederico Costa⁵, demonstrando preocupação com a moral e os bons costumes. Diante das bruscas transformações modernas, elas parecem assumir a responsabilidade, como que dispostas ao sacrifício para o bem maior, acreditando que “o meio mais eficaz a impedir tão grande mal será sem dúvida, a união de todas as boas vontades vinculadas pela fé sob o patrocínio da Imaculada Virgem Maria Mãe de Jesus, protótipo da mulher forte e o mais perfeito modelo da mãe cristã”⁶. Enquanto membros, as moças permaneciam castas, e atuavam na catequese, na liturgia e no auxílio às outras associações religiosas.

O grupo de moças, com o apoio e orientação do Cônego João Dias Bento da Cunha, no requerimento ao Bispo, expressam preocupação com os ataques das “ideias perniciosas e doutrinas subversivas da piedade e virtude cristã”. Demonstram consciência dos seus deveres, convictas de que a obra parece ser a mais adequada “fim tão nobres de tão alcance social”. Encantado com as moças, Dom Frederico recebeu o documento no dia 2 de abril e logo respondeu. No dia 7 de abril de 1913 foi emitido o Decreto Episcopal, instituindo canonicamente a Pia União das Filhas de Maria na Catedral de Manaus:

[...] atendendo ao nobre sentimento de piedade e religião de que são animadas, com o louvável intuito de serem espelhos de virtude no meio social em que vivemos, procurando para isso o forte amparo e proteção da Virgem Imaculada Mãe de Deus – Havemos por bem

⁵ Dom Frederico Benício de Souza Costa foi o segundo Bispo de Manaus, administrou a Diocese de 1907 a 1913.

⁶ *Requerimento de solicitação da criação da Pia União das Filhas de Maria*. 2 de abril de 1913.

declarar ereta e canonicamente instituída, na Nossa Igreja Catedral a Pia União das Filhas de Maria, mandando que o mais breve possível se faça a agregação canônica a Prima Primaria de Roma.⁷

As Filhas de Maria estavam respondendo aos anseios da Igreja, demonstraram maturidade e “compreensão quanto às necessidades de uma interiorização da fé católica, a ponto de serem merecedoras de receber indulgências” (MACIEL, 2014, p.264). Na portaria de criação foram concedidos 50 dias de indulgências “às piedosas senhoritas fundadoras, cada vez que se reunirem em comum para honrarem a santíssima Virgem implorando para elas todas as bênçãos do céu”.

Na relação com o sagrado, a indulgência ocupa um lugar especial na vida dos católicos, de aproximação com Deus. O imaginário religioso encontra na liturgia e no direito canônico conformidade, abrindo possibilidades à ação do laicato renovando sua vida religiosa o que lhe dá novo ânimo para realizar com doação os serviços que a Igreja necessita. Obter indulgência é receber a “remissão de uma pena ou de uma penitência” (LEMAITRE, 1999, p. 160). Mas ao recebê-la não se está isento, deve-se oferecer alguma forma de reparação, pela expiação dos pecados.

Devido aos abusos cometidos, o Concílio de Trento “condenou o tráfico financeiro, mas manteve a validade da indulgência” (1999, 160), permanecendo como prática as “visitas a certos santuários, a oração e os gestos acompanhados do esforço de conversão daquele que quer ganhar a indulgência”⁸. Com a romanização, a Igreja procurou reforçar a disciplina ao estimular as devoções que ela permitisse. A concessão de indulgências é então, nesse contexto um desses estímulos. “A atitude das Filhas de Maria foi considerada um gesto concreto, quando se colocaram receptivas aos anseios e diretrizes romanizantes” (MACIEL, 2014, p. 265). Elas se apresentaram como portadoras de devoção corajosa e vivência cristã, atitude de resposta de um movimento peculiar, conduzido por moças.

⁷ *Portaria de criação da Pia União das Filhas de Maria na Catedral*. 7 de abril de 1913.

⁸ Em 1967, o Papa Paulo VI, reviu e simplificou o sistema de indulgências. Elas podem ser plenárias, concedidas somente pelo Papa, e as de duração limitada, que são as parciais. *Dicionário Cultural do Cristianismo*. 1999, p. 160.

A Diocese de Manaus estava colocando em prática as diretrizes da Santa Sé, mostrando empenho na manutenção e disseminação da fé católica, instituindo movimentos que atendessem ao projeto romanizante. Permitindo e motivando novas associações católicas constitui uma estratégia de adaptação “da Igreja ao longo dos séculos e uma das formas de dar respostas aos tempos modernos” (2014, p. 265). A maior participação da juventude era algo almejado pela Igreja, agora, não era esperado somente dos mais velhos o empenho espiritual. A Pia União buscava conduzir suas Filhas para renovação de espiritualidade constante, tendo como modelo a Imaculada Conceição, exercendo forte atração sobre as jovens católicas para abraçarem o projeto de vida cristã.

Um movimento como a Pia União representa a renovação no laicato promovida pela romanização, com o intuito de enraizar o Catolicismo, fortalecendo-o em meio à juventude, que passa a ser instrumento com grande potencial de agregação no meio social. As jovens fundadoras procediam de famílias ilustres, o que nos revela a aliança entre a Igreja com as famílias consolidadas e tradicionalmente católicas, fortalecendo-a em uma cidade que passava por bruscas transformações. A crise da borracha ainda não se efetivara, Manaus vivia a algumas décadas a euforia da economia gomífera, e os laços entre elite eclesiástica e elite nativa representava benesses para os dois lados.

Estabelecer laços “com a elite nativa faz parte da capacidade adaptativa da Igreja, que se apresenta como um conjunto de estratégias, que vão desde a criação de associações como através de articulações com os grupos dirigentes da cidade” (MACIEL, 2014, p.266). As famílias também se empenhavam no envolvimento de suas filhas com os projetos de vida cristã, canalizando o vigor das jovens para o campo espiritual. Encontramos às vezes em uma mesma família duas ou três moças como Filhas de Maria.

As fundadoras da Pia União das Filhas de Maria eram jovens senhoritas, que tinham em média de 18 a 26 anos no momento da fundação⁹. Eram exatamente 12¹⁰ quando a

⁹ Aparecem entre as fundadoras, Ida com apenas 14 anos, Joanna com 30 anos e Minervina com 33 anos. *Livro de Inscrição das Filhas de Maria. 1913 a 1919.*

¹⁰ Eram elas: Maria de Miranda Leão, Albertina de Castro e Costa, Maria Lourdes Araújo, Rosalina de Castro e Costa, Heloisa de Miranda Leão, Luiza de Miranda Leão, Izabel de Castro e Costa, Joanna,

associação foi erigida, número simbólico que expressa o apostolado ali iniciado e que almejava grandes obras. Pela portaria, Dom Frederico estabelece que a Pia União teria por diretor o cônego Bento da Cunha, e dirigindo-se às Filhas de Maria diz que deveriam ser “espelhos de virtude no seio social em que vivemos, procurando para isso forte amparo e proteção da Virgem Imaculada Mãe de Deus”¹¹. Neste artigo trabalharemos apenas o ano de 1913, mostrando o desenvolvimento da Pia União em Manaus, descrevendo um pouco o cotidiano de suas atividades.

No dia 1º de maio de 1913, houve missa e comunhão geral pela manhã, e pela tarde solenidade presidida por Dom Frederico, onde as moças receberam as insígnias e os diplomas da Pia União das Filhas de Maria. Estavam em traje oficial: vestido branco, véu branco e fita azul. Na primeira reunião oficial, se definiu que haveria uma presidente, uma vice-presidente, uma secretária, uma tesoureira¹²; e que a reunião seria no primeiro sábado de cada mês às três da tarde, sendo realizada no dia seguinte a comunhão geral na missa às sete da manhã. A reunião seria sempre iniciada e terminada com as orações do manual. O cônego lhes pediu que fossem sempre unidas “pelo amor de tão boa Mãe”¹³.

O mês de maio prosseguiu com intensa dedicação à Virgem, com celebrações e encontros com a presença das moças, sempre com seus trajes e insígnias. O mês foi encerrado com a procissão da Virgem acompanhada por “uma imensa multidão de fiéis, associações católicas, colégios e vários grupos escolares”¹⁴. Em junho, as moças já se encontravam envolvidas com a festa do Sagrado Coração, em união com as zeladoras do Apostolado da Oração, prepararam um grande momento de devoção. Nesse mês,

Minervina Maria da Conceição, Raymunda Araújo, Ida Ribeiro. Henedina Monteiro. Requerimento de Solicitação da Criação da Pia União das Filhas de Maria. *Portaria de Ereção Canônica da Pia União das Filhas de Maria na Catedral*. 2 de abril de 1913.

¹¹ *Portaria de Ereção Canônica da Pia União das Filhas de Maria*. 7 de abril de 1913.

¹² Encontrei lendo as atas as funções de assistente, de mestra de aspirantes, conselheira e consultora. Também foram inseridas a 2ª secretária, 2ª tesoureira, 2ª assistente e 2ª consultora, para que na ausência de uma a outra assumisse.

¹³ *Ata de 10 de maio de 1913*.

¹⁴ *Livro Tombo*. Abril de 1913.

iniciaram suas atividades de ensino da catequese¹⁵. Em julho, o cônego pediu que as Filhas de Maria comungassem com frequência, de preferência cotidianamente¹⁶.

Na ata do mês de agosto aparece uma surpresa para as Filhas de Maria, o próprio Bispo foi presidir a reunião, e as aconselhou que praticassem a humildade e a simplicidade, lembrando que Maria “é a muleta de Deus”, e, que elas “devem ser espelho de cristal onde todas devem se mirar”. Pediu que fossem modelo para as outras congregações, dizendo que “uma Filha de Maria deve ser humilde, simples, piedosa, ao mesmo tempo forte, corajosa, imitando em tudo sua Mãe Imaculada”. Ao final o diretor pediu zelo no ensino da catequese e que no dia 8 de dezembro, no grande dia da Imaculada Conceição, houvesse uma numerosa Primeira Comunhão¹⁷.

Nas reuniões regulares havia sempre um tema a ser trabalhado pelo diretor, que conduzia a orientação espiritual das moças. Setembro foi dedicado à reflexão das dores de Maria, sendo pedido às moças que amassem a Maria e a Deus, e que com fé obteriam resignação diante das dores da vida. A reunião foi finalizada com a solicitação de que as crianças da catequese fossem preparadas para serem consagradas ao coração de Maria, e elas como instrumentos, as levariam ao seu Filho¹⁸.

O mês de outubro, dedicado à Nossa Senhora do Rosário, o tema escolhido foi a moda. As jovens foram exortadas a vestirem-se com modéstia, imitando a Virgem Imaculada e os santos que se “trajavam com toda simplicidade e candura”. Se há uma exortação, pode ser algo além de um lembrete de comportamento, parece uma advertência. Foi-lhes solicitado a rezar do terço diariamente, a propagarem a devoção ao Rosário e a fazer pequenos sacrifícios¹⁹. O mês transcorreu, e a Pia União auxiliou a Irmandade do Santíssimo, com a reza do terço e a exposição do Santíssimo Sacramento, ficando responsáveis, também, pelo coro na celebração. A partir daqui começa a

¹⁵ Aqui aparece a sintonia com o pedido de Pio X para se ministrar a catequese para as crianças.

¹⁶ *Ata de 5 de julho de 1913.*

¹⁷ *Ata de 2 de agosto de 1913.*

¹⁸ *Ata de 6 de setembro de 1913.*

¹⁹ Nessa reunião também foi destaca a honra com que foram agraciadas, passando a fazer parte da Prima Primária de Roma “lucrando todas as indulgências concedidas às Pias Uniões. *Ata de 4 de outubro de 1913.*

aparecer outro desdobramento de suas funções, a preparação das crianças para a liturgia, assumindo a Associação dos Santos Anjos, solicitada pelo Cônego Bento da Cunha²⁰.

Os preparativos para o mês de dezembro foram iniciados na reunião extraordinária de outubro, com organização de comissões para arrecadação de prendas junto ao comércio. A Comunhão seria realizada na véspera, no dia 8 aconteceria a recepção das novas Filhas de Maria²¹ e a missa pela manhã, ficando a doação aos pobres e a procissão para a tarde. Também deveriam ser preparadas a novena e a quermesse. Assim, no dia 7 de dezembro 142 crianças receberam a Primeira Comunhão, e no dia 8, 184 pobres foram assistidos, e às quatro da tarde saiu a procissão “tomando parte grandes elementos oficiais, associações católicas, colégios e grande multidão de fiéis”²².

Na reunião de avaliação dos festejos, o tema escolhido para reflexão foi o da pureza e virtude de Maria, pedindo o diretor que “todas as Filha de Maria devem esforçar-se por adquirir, imitando assim sua Mãe Imaculada”. Aconselhou que elas deveriam trocar os romances pela leitura do Evangelho, e as proibiu de frequentarem bailes de carnaval, sob pena de serem riscadas da Pia União²³. Esse grupo de moças nos pareceu numa busca constante pelo aprimoramento espiritual. Estavam envolvidas em inúmeras atividades ligadas diretamente à sua função ou em outras que lhes foram delegadas ao longo dos anos que se seguiram. Consegui mapeá-las até o início da década de 1950. viviam em função da Igreja, permanecendo solteiras, a castidade era sua grande virtude. As que se casavam deixavam o grupo.

Destacarei aqui algumas delas. Maria de Miranda Leão tinha 26 anos na ocasião da fundação, presidiu a Pia União de 1913 a 1940, voltando a dirigi-la de 1942 a 1951²⁴. Ela também esteve inserida em outros projetos sociais, como as Damas de Caridade, que dedicava especial atenção aos doentes. Acompanhou o movimento pelo sufrágio

²⁰ A Associação dos Santos Anjos foi criada pelo Cônego João Dias Bento da Cunha a 2 de outubro de 1913. *Suplemento de A Reação*. Março de 1946. p.85.

²¹ As aspirantes foram avaliadas com parecer das Filhas de Maria e do diretor, sendo aprovadas para no dia 8 de dezembro receberem a insígnia e o diploma da Pia União. Ata de 27 de outubro de 1913.

²² *Livro Tombo*. 1913.

²³ A exortação foi feita mediante a aproximação do carnaval. *Ata de 3 de janeiro de 1914*.

²⁴ A partir desta data foi nomeada presidente da federação por Dom Gaudêncio Ramos. *Livro de Inscrição das Filhas de Maria*. 1913-1919. Maria de Miranda também foi durante muitos anos a secretária da Irmandade do Carmo, cargo confiado a ela pelo Cônego Bento da Cunha. *Livro de Conta da Irmandade do Carmo da Catedral*. 1913-1935.

feminino no Brasil, tornando-se uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), seção Amazonas em 18 de dezembro de 1932. Ajudou a organizar atividades de sensibilização das mulheres para o alistamento eleitoral, participando de todos os eventos promovidos pela FBPF na década de 1930 (SCHUMANHER, 2000, p.). Foi eleita, em 1935, deputada estadual, ficou conhecida pelo título de mãezinha, considerada a primeira assistente social do Amazonas (CAMPOS, 2010, p. 127).

Dois aspectos pareceram reveladores da espiritualidade almejada. A primeira situação diz respeito a Henedina e Rosalina²⁵ contraíram tuberculose, e se mostraram resignadas diante do sofrimento e da morte, confortando as famílias diante do inevitável. Henedina²⁶, deixou por escrito seu voto de perpétua virgindade. Na certeza de uma vida de entrega, em meio ao choro e a esperança do céu, as Filhas de Maria entoaram ‘Com Minha Mãe Estarei’, na despedida definitiva desta vida²⁷.

O outro aspecto está associado ao seu carisma principal, doação de corpo e alma, tendo sempre por modelo a Virgem Imaculada. Elas pareciam querer mais, e para tanto era necessário a entrega total, e assim algumas responderam ao chamado dando outro passo: Ida²⁸ entrou no noviciado em 1920, na Congregação de Santa Doroteia, sempre “cumpridora assídua dos deveres de Filha de Maria, era o exemplo de suas irmãs espirituais”. Izabel²⁹, ingressou na Congregação do Bom Pastor em 1928, na Bahia, após os votos definitivos foi enviada para Portugal. Luiza³⁰ ingressou na Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora em 1932, e fez os votos perpétuos em 1938.

Ao longo das décadas que se seguiram, a Pia União se expandiu pela Diocese de Manaus, funcionando como uma verdadeira congregação, exigindo disciplina e

²⁵ Rosalina de Castro e Costa tinha 20 anos quando fundou a Pia União das Filhas de Maria, faleceu em 24 de setembro de 1925. *Livro de Inscrição das Filhas de Maria*. 1913-1919.

²⁶ Henedina Maria Monteiro da Costa, tinha 26 anos quando fundou a Pia União das Filhas de Maria, faleceu em 14 de julho de 1914; seu voto foi deixado registrado em forma de poesia ‘amar e sofrer’, encontrado depois de sua morte. *Livro de Inscrição das Filhas de Maria*. 1913 a 1919.

²⁷ *Livro de Inscrição das Filhas de Maria*. 1913-1919.

²⁸ Ida Ribeiro, tinha apenas 14 anos quando fundou a Pia União das Filhas de Maria e aos 21 anos já estava no noviciado. *Livro de Inscrição das Filhas de Maria*. 1913 a 1919.

²⁹ Izabel de Castro e Costa tinham 25 anos quando fundou a Pia União das Filhas de Maria. Depois dos votos foi transferida pra a Casa do Bom Pastor em Vila Nova de Gaia em Portugal. *Livro de Inscrição das Filhas de Maria*. 1913 a 1919.

³⁰ Luiza de Miranda Leão tinha 18 anos quando fundou a Pia União das Filhas de Maria. Professou seus votos em 1938. *Livro de Inscrição das Filhas de Maria*. 1913 a 1919.

formação de todas as suas agregadas. As moças que desejassem ingressar na associação, eram classificadas inicialmente como pretendentes, depois passavam por um período de aspirantado, com duração de pelo menos 6 meses, recebendo a formação adequada e todas as informações sobre as atividades que iriam desenvolver. Eram, assim, instruídas adequadamente para assumirem o grande compromisso de serem Filhas de Maria. E no dia da grande solenidade, as insígnias e os diplomas eram o grande símbolo de um voto de entrega, prometendo estarem sempre com a Virgem Imaculada.

Fontes Eclesiásticas

COSTA, Dom Frederico. *Decreto Episcopal de criação da Pia União das Filhas de Maria*. 1913.

RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. *Cronologia Eclesiástica da Amazônia*. 1952.

Referências

ANDRADE, Maria Lucelia de. “*O dogma não muda, mas deve vivê-lo no dia de hoje e não no de ontem*”: Tempo, Modernidade e Tradição na pauta das Filhas de Maria (1915-1965). III Seminário de História Nacional e História Contemporânea – Brasil: autoritarismo, cultura política e direitos humanos. Universidade Regional do Cariri – URCA, Crato-CE, 2018.

BRION, Ioneide Maria Piffano. *As Filhas de Maria: uma história social da Pia União*. Dissertação de Mestrado, Juiz de Fora, 2009.

CAMPOS, Luciane Maria Dantas. *Trabalho e Emancipação: um olhar sobre as mulheres de Manaus (1890-1940)*. Manaus: UFAM, Dissertação de Mestrado, 2010.

COSTA, Heloisa Lara Campos da. *As mulheres e o poder na Amazônia*. Manaus: EDUA, 2005.

FIROLAMO, Giovani. *As Ciências das Religiões*. São Paulo: Paulos, 1999.

LE GOFF, Jacques. *Em Busca da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

LEMAITRE, Nicole; QUINSON, Marie-Thérèse e SOT, Veronique. *Dicionário Cultural do Cristianismo*. São Paulo: Loyola, 1999.

MACIEL, Elisângela. “*Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal*”: a diocese de Manaus vivenciando a Romanização (1892-1926). 2014.

MURAD, Afonso Tadeu. *Maria, toda de Deus e tão humana: compêndio de mariologia*. São Paulo: Paulinas; Santuário, 2012.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

PELIKAN, Jaroslav. *Maria através dos séculos: seu papel na história da cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

RIBEIRO, Sylvia Aranha de Oliveira. *Vida e morte no Amazonas*. São Paulo: Loyola, 1991.

SCHUMANHER, Schuma e BRAZIL, Érico Vital. *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

TEMPORELLI, Clara. *Maria, mulher de Deus e dos pobres: releitura dos dogmas marianos*. São Paulo: Paulus, 2010.

VIEIRA, Dilermando Ramos. *O Processo de Reforma e Reorganização da Igreja no Brasil*. Aparecida, São Paulo: Santuário, 2007.